



## MITOS, RITOS E PROFECIAS NAS ENTRANHAS DA POESIA CONTEMPORÂNEA

Marta Helena Cocco<sup>1</sup>

Universidade do Estado de Mato Grosso

### RESUMO

Neste artigo apresentamos uma leitura de quatro poemas dos autores Aclyse Mattos, Santiago Vilela Marques e Lucinda Persona, da literatura contemporânea produzida em Mato Grosso, em que se observa como alguns mitos (do dilúvio e de Sísifo) perseveram no imaginário humano e são expressos de modo latente ou patente nos poemas, atualizando suas lições vinculadas a importantes questões da existência; além de mitos, outras práticas simbólicas como o rito sacrificial da comunhão e imagens do campo semântico da profecia do apocalipse são interpretadas. A leitura é feita com respaldo em algumas abordagens críticas do Imaginário, mas com poucas referências diretas e uso de termos específicos de modo a contemplar a leitura dos não iniciados nessas abordagens. Pelos resultados obtidos, julga-se que a revitalização mítica ocorre no sentido de uma visão crítica sobre a vida social por meio da retomada de modelos exemplares da ruína humana, ou previsões que alertam sobre sua destruição, ou exercício da recriação de um evento mítico no ambiente regional ou, numa investida otimista e/ou utópica, insistindo na força do ritos como promessa ou desejo de restauração da harmonia perdida.

**Palavras-chave:** Imaginário, Poesia contemporânea, Literatura em Mato Grosso.

## MYTHS, RITES AND PROPHECIES IN THE BOWELS OF CONTEMPORARY POETRY

### ABSTRACT

This article presents a reading of four poems by the authors Aclyse Mattos, Santiago Vilela Marques and Lucinda Persona, from the contemporary literature produced in Mato Grosso, in which some myths (of the Deluge and Sisyphus) persevere in the human imagination and are expressed in a latent or patent way in the poems, thus updating their lessons linked to important questions of existence. In addition to myths, other symbolic practices such as the sacrificial rite of communion and images of the semantic field of the prophecy of the apocalypse are interpreted. The reading is based on some critical approaches of the Imaginary, but with few direct references or use of specific terms, so as to contemplate the reading of those uninitiated in these approaches.

**Keywords:** Imaginary; Contemporary poetry; Literature in Mato Grosso.

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras. Professora de Literaturas da Língua Portuguesa - UNEMAT - Tangará da Serra.

## MITOS, RITOS Y PROFECÍAS EN LAS ENTRAÑAS DE LA POESÍA CONTEMPORÁNEA

### RESUMEN

En este artículo presentamos una lectura de cuatro poemas de los autores Aclyse Mattos, Santiago Vilela Marques y Lucinda Pessoa, de la literatura contemporánea producida en Mato Grosso, en que se observa como algunos mitos (del diluvio y de Sísifo) perseveran en el imaginario humano y se expresan en el modo latente o patente en los poemas, actualizando sus lecciones vinculadas a importantes cuestiones de la existencia; además de mitos, otras prácticas simbólicas como el rito sacrificial de la comunión e imágenes del campo semántico de la profecía del apocalipsis son interpretadas. La lectura se hace con respaldo en algunos enfoques críticos del Imaginario, pero con pocas referencias directas y uso de términos específicos para contemplar la lectura de los no iniciados en esos enfoques. Por los resultados obtenidos, se juzga que la revitalización mítica ocurre en el sentido de una visión crítica sobre la vida social por medio de la reanudación de modelos ejemplares de la ruina humana, o previsiones que alertan sobre su destrucción, o ejercicio de la recreación de un evento mítico en ambiente regional o, en una investidura optimista y / o utópica, insistiendo en la fuerza de los ritos como promesa o deseo de restauración de la armonía perdida.

**Palabras clave:** Imaginario, Poesía contemporánea, Literatura en Mato Grosso.

### 1. Introdução

A poesia contemporânea, assim como a vida, manifesta-se de forma diversa, permitindo uma igualmente vária leitura crítica. Para os quatro poemas de autores contemporâneos que residem em Mato Grosso, selecionados para este estudo, dedicamos uma leitura baseada em alguns fundamentos das abordagens críticas do Imaginário.

O Imaginário, compreendido como o conjunto das imagens produzidas pelo ser humano, ou como uma espécie de “museu de todas as imagens passadas, possíveis, produzidas e a serem produzidas” (DURAND, 2004,p.6) é fonte inesgotável de estudo. Para Durand, o ser humano tem uma infinita capacidade de simbolizar a existência, uma vez que essa está vinculada à prerrogativa da finitude, sujeita à passagem do tempo. E sendo essa prerrogativa universal e atemporal, dentro do conjunto das imagens

produzidas, há recorrências arquetípicas, com variações provocadas pelas diferenças culturais. As fontes ligadas à vertente dos estudos do Imaginário subsidiam essa reiteração nas postulações de Jung acerca do inconsciente coletivo. Algumas imagens, de acordo com a mitocrítica, constelam em torno deste ou daquele regime (conforme a classificação das estruturas antropológicas de Gilbert Durand, 1997), revelam a predominância deste ou daquele mito diretivo, enquanto outras dialogam com intuições e visões imaginadas do futuro, como é o caso das profecias. Outras imagens se estruturam aos moldes de um rito que, dentre outras funções, possui a de reviver um evento significativo. A poesia, sendo uma das atividades espirituais mais antigas da humanidade e, ainda, um dos redutos simbólicos que resistem nestes tempos de triunfo da tecnologia, do consumo e da descartabilidade, como bem assinalou Alfredo Bosi(2000)<sup>2</sup>, traz à tona aspectos desse desejo de revitalização de memórias e sonhos de uma humanidade em comunhão com o universo-divindade. Mielietinski, ao se referir a algumas obras da literatura produzida a partir do século XX, denomina de mitologismo tanto esse procedimento artístico como a visão de mundo expressa por ele, com a ressalva que não se trata de apenas usar um motivo mitológico em um texto. Para o estudioso,

entre toda uma variedade de autores, o mitologismo está relacionado, de modo bastante estreito, às suas frustrações com o “historicismo”, ao medo dos abalos históricos e à descrença de que os avanços sociais modificarão o fundamento metafísico do ser e da consciência humanos. (1987, p.353)

Alguns desses apontamentos também se verificam em nosso estudo, conforme apontamos nas considerações finais. Iniciamos por reunir algumas definições acerca das categorias semânticas que reunimos neste trabalho: mito, rito e profecia. Mito é uma

---

<sup>2</sup> Em *O Ser e o tempo da poesia*, no capítulo “Poesia e resistência”, Bosi diz que a poesia “resiste à falsa ordem, que é, a rigor, barbárie e caos.[...] Resiste ao contínuo harmonioso, pelo descontínuo gritante; resiste ao descontínuo gritante pelo contínuo harmonioso. Resiste aferrando-se à memória viva do passado; e resiste imaginando uma nova ordem que se recorta do horizonte da utopia.”(2000, p.169)

narrativa que diz o modo como algo começou ou aconteceu. Mircea Eliade, importante estudioso da história das religiões, reconhece o restabelecimento desse conceito como “história verdadeira e, ademais, extremamente preciosa por seu caráter sagrado, exemplar e significativo”(2006, p.7), mais próximo do sentido arcaico e mais distante das conotações de mentira, fábula e ficção, as quais a história em percurso tem tentado fixar. Rito refere-se a um procedimento repetitivo com o intuito de cerimonializar algum evento com vistas a distingui-lo do trivial e vivenciá-lo comunitariamente, sob algum fundo ideológico, consciente ou não. E profecia é um texto que relata uma visão, ou melhor, uma previsão do futuro, podendo ser de natureza religiosa ou profana. Segundo o dicionário Aurélio de Português *On line* é: “Predição do futuro. 2 - Vaticínio, oráculo. 3 - Presságio, conjectura.”

## 2. As lições dos mitos, ritos e profecias

Compreendidos (os mitos, ritos e profecias) no intervalo semântico circunscrito acima, passaremos ao estudo de quais lições podemos neles inventariar, buscando-as no corpo dos poemas de dois autores e uma autora da produção contemporânea em Mato Grosso. Iniciamos por um texto de Aclyse Mattos, do livro *Quem muito olha a lua fica louco*, que faz uma referência ao mito do Dilúvio, com base na versão judaico-cristã, atualizando-o em outro contexto, o contexto do pantanal mato-grossense:

O cerco

Faça de conta que está chovendo.  
Não é difícil,  
esta semana tem chovido muito.

Agora pense que não muito longe,  
sitiando completamente a aldeia,  
estão as onças pintadas.

Seu pelo parece a sombra dos pingos de chuva  
e os bigodes do seu focinho

tem pequenos diamantes de água  
não se sabe se gota ou saliva.

Além de tudo isso é a época das cheias.  
As águas do Paraguai, do Cuiabá, do Piquiri  
ilham completamente a aldeia no Pantanal.

Não há pontes. A pólvora estava no paiol  
que se inundou com um vazamento no teto.  
Armas de fogo falham sob a chuva.

Entre os ranchos e as casas  
folhas de acori e bolinhas de bocaiúva  
caem como rajadas de chuva.

Falta pouco para a vingança.  
A aldeia cercada de onças  
vai ser comida do mapa.

Estranha cidade-fantasma:  
antes foi Guerra do Paraguai  
depois pelejas de vaqueiros.

Mas agora é que é fatal.  
As cheias do Pantanal  
e o sítio das onças pintadas  
fazem das gotas de água  
estranhas centenas de mini-fantasmas  
voando pelos quintais.

Agora faça de conta que não existe o medo  
e espere seu fim  
com altivez.

Afinal, nada é melhor para a alma  
que vagar nos pantanais.

(MATTOS, 2000, p.10 e 11)

O poema é constituído de 11 estrofes e 36 versos livres. Inicia com um imperativo que destaca o caráter ficcional da proposta do eu lírico: “faça de conta”. Esse exercício, que é um exercício de imaginação e de concentração, a fim que o evento ocorra nesse plano da mente humana, é facilitado pela circunstância espacial - ambiente

e natureza ('não é difícil', 'tem chovido muito'). Não bastasse a presença avassaladora das águas, outro componente é acrescentado ao cenário: onças, mamíferos carnívoros que vivem nas matas, inclusive na região do pantanal. O caráter de perigo é confundido com as gotas de água da chuva, em analogia com a sombra do pelo e com as gotas do bigode das onças, que podem ser de chuva, mas tanto pior se forem de saliva, quem sabe indicando que elas estejam famintas (figuras do campo da analogia, além da 3ª estrofe, também aparecem nas 6ª e 9ª). Novamente as águas são mencionadas no espaço do poema, dos rios que passam pela região e que estão volumosos dado o período das cheias. Ambas, onças e águas, sitiaram a aldeia. Para onde correr em busca de salvação? Haveria como se salvar, como ocorreu com Noé, do dilúvio bíblico, por meio da arca? Os versos da 5ª estrofe dizem que não. Não há pontes e a pólvora está molhada, portanto não haverá o recurso das armas de fogo. O primeiro verso da sétima estrofe completa o cenário de medo: "falta pouco para a vingança". Que vingança? Não há nada no texto que se refira a ela, então passamos ao levantamento de hipóteses extratextuais, baseadas no repertório da nossa cultura. Inicialmente, se já admitimos que o diálogo é com o mito bíblico do dilúvio, presente no velho testamento, podemos conjecturar que o elemento vingança compõe o mito, uma vez que aquele Deus é assim descrito (como vingativo) e, naquela circunstância, queria, por meio do dilúvio, lavar a terra dos males e salvar apenas aqueles que poderiam continuar o trabalho da criação, começando, sem os velhos vícios. No Velho Testamento Deus agiu por meio das águas. No poema de Aclyse não há menção a um ser divino e extraterreno. As próprias águas facultam e iniciam a vingança que será levada a cabo pelas onças. Mas, as onças estariam se vingando do quê? Da disputa do ser humano por territórios, usando artifícios tecnológicos desproporcionais em relação a elas e, assim, acuando-as, sitiando-as cada vez mais a ponto de estarem sob ameaça de extinção? A estrofe seguinte traz um dado do passado, algo maléfico ocorrido por aquelas bandas pela ação humana: a 'Guerra do Paraguai. A guerra, destrutiva em qualquer lugar, no espaço a que se refere o poema, que não é tão preciso, dada a imensidão do pantanal, chama de fantasma uma cidade.

Além dessa Guerra, de maiores proporções, o eu lírico também menciona a ‘peleja de vaqueiros’. Assim, haveria motivo de sobra para aquele lugar estar afetado de males humanos. Entretanto, nem a Guerra do Paraguai, nem as pelejas de vaqueiros foram fatalmente suficientes como agora será esse sitiamento das águas e das onças. O eu lírico, que está no comando da imaginação desde o início, sugere, para intensificar a atmosfera de pavor, que as gotas de água são centenas de ‘mini-fantasmas’ (destaca-se, como elemento de sonoridade na 9ª estrofe, que todos os versos possuem rimas externas consoantes ou toantes, tendo em comum o acento na vogal tônica “a”). Entretanto, na última estrofe, o eu lírico surpreende com uma guinada no rumo do apavoramento, dando uma nova ordem: ‘agora faça de conta que não existe o medo/ e espere seu fim/ com altivez.’ O dilúvio e o ataque das onças deixam de ter um aspecto terrificante para se constituírem numa ação benfazeja, ‘afinal nada é melhor para a alma/ que vagar nos pantanais.’ Ora, a atualização do mito do dilúvio apresenta como salvação não uma arca e um novo começo, mas justamente a possibilidade de a alma vagar num espaço tão onírico como o pantanal. Podemos ler esse “vagar” de dois modos: um, mais radical, possível pela morte. Outro, mais poético, seria o próprio exercício de devaneio sugerido pelo eu lírico desde o primeiro verso. Por fim, anotamos que a poesia e, em especial esse poema, retoma o mito do dilúvio no sentido de renovação, pela própria suspensão do tempo facultada pelo permitir do voo da imaginação e da alma, pelo devaneio nos cenários idílicos da natureza mato-grossense e da palavra.

O próximo mito, em outro poema da literatura contemporânea, já não apresenta uma lição positiva. Trata-se do mito de Sísifo, do conjunto da mitologia grega. Sísifo, após ter desagradado vários deuses em diferentes circunstâncias, foi condenado a rolar, por toda a eternidade, uma imensa pedra montanha acima. Quando a pedra chegava ao cimo, despencava novamente para baixo. Vejamos como foi atualizado no poema de Santiago Vilela Marques, no livro *Selvagem*:



### Sísifo

Existir  
é um capítulo  
num livro  
de puro epílogo.

No limbo  
um passo mínimo  
pisa o infinito.

E o caminho se abrindo  
como um destino  
é um ponto fixo  
sobre o abismo.  
(MARQUES, 2013, p.54)

Nesse poema de três estrofes e 11 versos, há alguns componentes formais que merecem destaque. Um deles é a assonância da vogal tônica /i/, compondo uma melodia aguda e contínua do início ao fim do poema, expressando monotonia e tristeza. Também chama a atenção o fato de a última palavra de cada verso terminar com a letra /o/, que graficamente representa um círculo e corrobora a ideia de circularidade e eterno retorno. O componente mítico novo, que o poeta Santiago traz para o seu texto, é a condenação em vida. Se no mito grego a condenação se deu após a morte, aqui a condenação se dá durante o existir, que é carregar um fardo ao longo do caminho-destino. O poema atualiza sem aliviar o peso dramático da pena de Sísifo. Notamos essa intensidade em todas as imagens das estrofes. Na primeira, a vida é um capítulo de livro, mas o livro é só epílogo. Normalmente, num livro, o epílogo é algo escrito depois do fim, com o objetivo de elucidar algum fato, ou dizer o que sucedeu a um personagem depois que a história acabou. No poema de Santiago, isso poderia ser lido como a falta de autonomia do ser para mudar sua história cujo fim já está posto? Essa é uma das questões que o poema parece propor. Na segunda estrofe, temos outra. Se um passo mínimo pisa o infinito, todo o passo não terá fim? Essa afirmação está acompanhada de um adjunto adverbial de lugar. 'No limbo'. Descartamos o significado católico de limbo como o lugar para onde iam certas almas depois de mortas, uma vez que o poema fala do existir. Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.39.1, p. 01-182, setembro-dezembro, 2018.

Outros significados para limbo seriam, então, borda, margem, superfície, ou, no sentido figurado, lugar destinado a coisas sem importância, conforme os usos mais comuns na língua portuguesa. Então, a questão passaria a ser reformulada: Para quem está à margem (do sistema?) qualquer passo seria infrutífero? Na última estrofe, fecha-se a intensidade do drama do sísifo contemporâneo: o caminho que vai sendo percorrido e o que chamamos destino é um ponto fixo sobre o abismo. Esse sísifo, portanto, não rola a pedra montanha acima, mas caminha a esmo em direção ao abismo, para baixo, infinitamente, durante a vida. A lição desse mito atualizado no poema de Santiago, portanto, diferentemente do anterior, não apresenta a morte como uma miragem benfazeja, mas como um abismo que poria fim a um destino repetitivo de fracassar durante a vida. Uma leitura produtiva e crítica desse poema provocaria outras questões: Quem são os sísifos contemporâneos? Quem ou o quê é responsável por esse tipo de destino? Por que o ser não tem autonomia sobre o seu destino?

As imagens do destino sísifico são trágicas, assim como as que constelam em torno do campo semântico da profecia do Apocalipse judaico-cristão, segundo a qual, o fim do mundo se dará por calamidades naturais, fome, pestes e pela ação do fogo, havendo, porém, se é que serve de consolo, a salvação dos justos. No poema a seguir, da poeta Lucinda Persona, encontraremos algumas associações a essa profecia, atualizadas no contexto de outro bioma do espaço mato-grossense, o cerrado.

Perpétua roxa

Mais do que nenhum outro  
o grande fogo  
correu distâncias pelo Cerrado

Com longas braçadas  
as labaredas tresloucadas  
se atiravam para todos os lados

Da vegetação acostumada  
a câmbios radicais  
só ficaram as cinzas



Quem me dera (destes)  
um que não morresse:  
Feijão-bravo  
fruta-de-lobo  
juá-de-espinho  
pata-de-vaca  
quaresmeira  
remela-de-pomba  
perpétua roxa  
dorme-dorme  
campainha!  
(PERSONA, 2014, p.86)

O poema de quatro estrofes inicia com a perplexidade do eu lírico diante de um fogo que teria sido ‘o grande fogo’, ‘mais do que nenhum outro’, dada a extensão espacial atingida e completamente destruída. É como se fosse um fogo definitivo, apocalíptico. A imagem das ‘labaredas tresloucadas’ é a mais impactante num cenário do qual só restaram as ‘cinzas’. Sabendo-se que o cerrado é um bioma de grande diversidade de plantas e onde habitam várias espécies animais, não seria exagero imaginar que os desdobramentos e efeitos dessa destruição, naquele espaço circunscrito (ou ainda, além do circunscrito, uma vez que o planeta é um só e tudo está conectado), seriam tão negativos como a peste, a fome e os cataclismas descritos no livro bíblico do Apocalipse. O texto ficcional, às vezes, utiliza recursos contundentes para melhor alcançar os efeitos de uma ideia. Em seguida, o eu lírico confessa seu lamento por não ter conseguido salvar algumas dentre as espécies vegetais, as quais corresponderiam aos eleitos que deveriam ser salvos (mas não foram) da destruição final: ‘Feijão-bravo; fruta-de-lobo; juá-de-espinho; pata-de-vaca; quaresmeira; remela-de-pomba; perpétua roxa; dorme-dorme; campainha.’ Dos eleitos pelo eu lírico apresentados pelo nome comum e não científico, destacam-se os nomes: ‘bravo’, ‘lobo’, ‘espinho’, ‘pata’, como se pertencessem ao grupo dos bravos, fortes e resistentes que, entretanto, sucumbiram ao fogo, ampliando seu valor destrutivo e compondo uma ironia, que culmina com o nome de uma das espécies que dá título ao poema: ‘perpétua’. Por fim, tem-se o nome

‘campainha’ que, entre outras coisas, pode significar sinal, alerta, chamamento. Seria uma forma sutil de despertar os humanos para o fato de que a destruição da natureza prevê a nossa própria destruição uma vez que também somos natureza? Repetimos que no poema o eu lírico expressou apenas o desejo de salvação das espécies, mas tudo foi destruído pelo fogo. Outro elemento que chama a atenção no último verso, é que a palavra “campainha” veio acompanhada de ponto de exclamação, sinal que intensifica a ideia de alerta e fecha um texto construído sem qualquer outro sinal de pontuação que, juntamente com alguns “enjambements”, forma uma estrutura sintática sem pausas, contínua, como a ação do fogo que vai alcançado a totalidade do espaço.

Se a poesia tem, entre os seus papéis, o de nos questionar, de nos propiciar a suspensão no tempo, a meditação e a reflexão existencial, ela, por si mesma, ao repetir esse propósito, torna-se um rito, dada a reiteração da função. E há poemas que tratam de modo mais explícito da criação e da leitura como um rito. Destacamos para este estudo, outro texto de Lucinda Persona em que o rito sacrificial da comunhão está implícito, ou latente. Vejamos:

A pera  
Para uma forma  
particular de uso:  
a pera  
exata  
sem fermento  
todo o seu verde limite  
ao redor de uma trama que  
(para a língua instruída)  
é mais do que um sumo  
banquete  
enquanto  
o infinito ultrapassa  
o círculo onde o prato  
termina seu tamanho  
Não vivo sem transformar  
uma coisa em outra  
como num rito  
herbívoro simplório



à mesa pastando  
a morte de um fruto.  
(PERSONA, 2014, p.83)

O poema nos impõe várias perguntas até esboçarmos uma linha interpretativa. O eu lírico inicia apresentando a pera, uma fruta, um alimento, enfatizando que será para uma finalidade particular de uso. Qual finalidade? A seguir, caracteriza esse fruto como exato, sem fermento, ou seja, em perfeito estado. Diz ainda que seu verde limite (suponhamos que seja a casca, que é dessa cor) está ao redor de uma trama (o sentido de enredo, parece ser mais apropriado) que é mais do que um banquete, um banquete especial, ou seja, está para outra finalidade (que não a alimentação ou até mesmo uma refeição celebrativa) para ‘a língua instruída’. O que seria a língua instruída? Tomemos língua no sentido de idioma, e mais ainda, de alguém que sabe usar a língua de forma não apenas usual, pragmática, da mera comunicação, mas de forma especial, instruída, com uma finalidade diferente. Tudo isso acontece ao tempo em que o ‘infinito ultrapassa o círculo onde o prato termina o seu tamanho’, ou seja, estamos diante de mais uma meditação em que o sentido ordinário de tempo e de espaço cede lugar a um sentido mais expansivo. Em seguida, o eu lírico diz algo que também ocorre em outros poemas da mesma autora: uma espécie de digressão justificativa para o ato de observar um dado da realidade e, pela via da analogia, transformá-lo em outra coisa. Nesse final, entretanto, parece estar a chave para as formulações feitas acima. O eu lírico se compara a um herbívoro que está à mesa comendo um fruto. Mas não de forma trivial. Como num rito. A palavra rito nos impele a ler novamente o poema, agora com essa informação que pode ajudar a desvelar a trama. Assim, a pera<sup>3</sup> seria o fruto que está

---

<sup>3</sup> Registro um procedimento (nem sempre recomendado cientificamente) de que fiz uso depois de finalizado este artigo. Em conversa pessoal com a autora, perguntei por que ela havia escolhido a pera e não outro fruto. A resposta que eu queria ouvir era a de que a pera é uma fruta saborosa, com muita polpa e poucos caroços e casca fina, portanto, sendo a parte comestível de maior proporção, seria adequada para o propósito do poema. Mas Lucinda Persona respondeu que a ideia surgiu quando viu a pera numa pintura de um quadro, numa parede. (Para os iniciados na leitura de poesia dizemos que esse tipo de expectativa - frustração é normal, e que a palavra escolhida pelo poeta, consciente ou inconscientemente, propositalmente ou ao acaso, uma vez expressa, permite uma atribuição de sentidos que não pertence Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.39.1, p. 01-182, setembro-dezembro, 2018.

sendo ofertado num rito sacrificial. Os ritos sacrificiais, em várias culturas, são oferendas, homenagens prestadas a deuses como gratidão a alguma benesse recebida e como pedido da continuidade dessa benesse. Os itens destinados a sacrifício, animais, frutos, ou até mesmo humanos, em muitas culturas, especialmente as mais antigas, deveriam ser especiais<sup>4</sup>. Seres sem imperfeições, como a pera no poema. Aliás, essa pera, de modo não tão evidente, parece ser uma metáfora para a própria poesia, ofertada não como um sacrifício a um criador-poeta (em nenhum momento o texto indica essa leitura), mas para ter a função simbólica de tornar a leitura da poesia um rito de comunhão. O que se comunga não é o produto de um rito sacrificial no sentido de derramamento de sangue (o ser que está à mesa é herbívoro), apenas um alimento simbólico que é a palavra repartida e ofertada a quem, pela língua instruída, saberá que a poesia é mais do que um banquete, está além dos limites do prato. Podemos inferir que a oferenda seja para os leitores (inclusive os leitores especializados que produzem crítica literária a fim de que o alimento seja ainda mais repartido entre mais leitores). O infinito que ultrapassa o círculo podem ser os desdobramentos, os sentidos e seus efeitos, sempre novos a cada leitura.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, tentamos demonstrar como o Imaginário humano é motivado por questões que originam obras capazes de atualizar as lições de criações simbólicas exemplares. A poesia contemporânea possui múltiplas faces, uma delas, é a de expressar os comportamentos humanos que repetem com maior ou menor acerto as situações dramáticas dos grandes mitos e, por meio deles, incitar o leitor à meditação e reflexão, com mais eficácia que outros discursos ou até mesmo o acontecimento em si:

---

mais ao controle do autor, entretanto não é ilimitada, muitas leituras são possíveis, mas não toda e qualquer leitura, tem de haver coerência com as pistas fornecidas pelo próprio texto.)

<sup>4</sup> Ver o caso do sacrifício pedido por Deus a Abraão no Velho Testamento: o filho primogênito (que depois se consuma com a substituição por outro animal e é interpretado como apenas um teste da fidelidade do patriarca a Deus).

Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.39.1, p. 01-182, setembro-dezembro, 2018.

Há mais no sonho ou no desejo mítico do que no evento histórico que muitas vezes o torna real, porque o comportamento concreto dos homens e, mais especificamente, o comportamento histórico - repete tímidamente e, com maior ou menor precisão, os conjuntos e situações dramáticas dos grandes mitos. (DURAND, 1993, p.12. Tradução da autora<sup>5</sup>.)

O conjunto dos quatro textos aqui apresentados foi formado intencionalmente pelo fato de todos conterem uma ideia de repetição com renovação, passíveis de uma abordagem interpretativa pela via da mitocrítica e, de algum modo, reiterarem a importância da criação literária para o conhecimento de aspectos profundos da nossa humanidade. Nos poemas analisados, julga-se que a revitalização mítica ocorre no sentido de uma visão crítica sobre a vida social por meio da retomada de modelos exemplares da ruína humana, ou previsões que alertam sobre sua destruição, ou exercício da recriação de um evento mítico no ambiente regional ou, numa investida otimista e/ou utópica, insistindo na força do rito de comunhão como promessa ou desejo de restauração da harmonia perdida. Todos esses apontamentos confirmam uma das tendências da poesia contemporânea que é a de revitalizar as lições encontradas em importantes produções simbólicas da humanidade.

## REFERÊNCIAS:

AURÉLIO, **Dicionário On line de Português**. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com> Acesso em 11/01/2018.

DURAND, G. **De la mitocrítica al mitoanálisis: Figuras míticas y aspectos de la obra**. Tradução por Alain Verjat. Barcelona: Anthropos, México: Universidad Autónoma Metropolitana – Iztapalapa, 1993.

---

<sup>5</sup> Cf. o texto original: “Hay más en el sueño o en el deseo mítico que en el acontecimiento histórico que a menudo le hace realidad, porque los comportamientos concretos de los hombres, y precisamente el comportamiento histórico, repiten tímidamente, y con mayor o menor acerto, los decorados y las situaciones dramáticas de los grandes mitos.”

\_\_\_\_\_. **As estruturas antropológicas do imaginário.** Tradução de Helder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. **O Imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem.** trad. Renée Eve Levié. 3ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 2004.

ELIADE, M. **Mito e realidade.** Trad. Pola Civelli. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

MIELIETINSKI, E. M. **A poética do Mito.** trad. de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

MARQUES, S. V. **Selvagem.** Cuiabá: Carlini & Caniato, 2013.

MATTOS, A. **Quem muito olha a lua fica louco.** Cuiabá: Oficina mínima, 2000.

PERSONA, L. N. **Entre uma noite e outra.** Cuiabá: Entrelinhas, 2016.